

## INSTITUTO INCLUIR: A FORMAÇÃO NO ESPORTE DO PROJETO BRASIL DIVERSIDADE

Carina Alves de Souza<sup>1</sup>

Mônica Alves de Matos Pereira<sup>2</sup>

Andressa Silva Pereira<sup>3</sup>

Allan Rocha Damasceno<sup>4</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo central apresentar uma reflexão sobre o projeto Brasil Diversidade no aspecto formativo e inclusivo através do esporte do Instituto Incluir, respeitando os direitos sociais e tendo como perspectiva a educação contra a barbárie como ponto central. Essa diversidade de opções foi discutida de forma metodológica e teórica à luz da Filosofia Crítica de Adorno como a principal lente para a problematização da inclusão em educação, na perspectiva da reflexão sobre a formação educacional esportiva, assim como, outros autores da área, a fim de se construir um conhecimento emancipatório acerca da formação e inclusão na sociedade contemporânea. Este artigo buscou lançar através da coleta de dados a análise de relatório documental e depoimentos aleatórios de familiares de pessoas com ou sem deficiências que participaram ao longo dos anos de 2021 e 2022 do projeto Brasil diversidade. Por conseguinte, foi possível identificar as tensões políticas como também o estímulo potencial da promoção da inclusão dentro do projeto Brasil Diversidade do Instituto incluir. Isso reflete as possibilidades dentro da formação esportiva, em que, é possível afirmar sua contribuição para a transformação e democratização do processo inclusivo de espaços plurais, acolhedores e humanos para todas as pessoas com ou sem deficiências na sociedade contemporânea brasileira.

**Palavras-chave:** Formação; Inclusão; Esporte; Educação.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação - UFRRJ. Atua na coordenação de projetos de cooperação bilateral entre países europeus na área da formação de professores no campo do paradesporto e da comunicação acessível. Pesquisadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidade e Inclusão (LEPEDI - UFRRJ). Diretora e presidente do Instituto Incluir. Email.: carina@institutoincluir.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação, cujas pesquisas possuem ênfase na modalidade de ensino Educação Especial na Perspectiva Inclusiva, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Mediadora pelo Consórcio UAB/CEDERJ na UFRRJ e como Professora de Física e Ciências da Natureza. Pesquisadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidade e Inclusão (LEPEDI). É Gestora de Projetos Educacionais e Empregabilidade do Instituto Incluir. Email: monicapereira\_2010@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Mestra em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc/UFRRJ). Especialista em atendimento educacional especializado e inclusivo. Professora da rede municipal de educação do Rio de Janeiro/ SME – RJ. Especialista em atendimento educacional escolar especializado em educação especial e inclusão pela Faculdade Intervale/MG. Email.: andressasp07@hotmail.com

<sup>4</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É Professor Associado do Instituto de Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRuralRJ). Foi o fundador e Coordena o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidade e Inclusão (LEPEDI). É um dos fundadores e integra o Grupo de Investigação Latinoamericano de Educação Inclusiva (GELEI), com sede no Centro de Estudos Latinoamericanos de Educação Inclusiva (CELEI/Chile). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial (ABPEE). Consultor Consultivo do Instituto incluir. Email.: lepedi-ufrrj@hotmail.com

## **Institute Include: Training In Sport of The Brazil Diversity Project**

**Abstract:** The main objective of this article is to present a reflection on the Brazil Diversidade project in the formative and inclusive aspect through the sport of the Instituto Incluir, respecting social rights and having education against barbarism as a central point. This diversity of options was discussed methodologically and theoretically in the light of Adorno's Critical Philosophy as the main lens for problematizing inclusion in education, from the perspective of reflection on sports educational training, as well as other authors in the area, in order to build an emancipatory knowledge about training and inclusion in contemporary society. This article sought to launch, through data collection, the analysis of a documentary report and random testimonials from family members of people with or without disabilities who participated throughout the years 2021 and 2022 in the Brazil Diversity project. Therefore, it was possible to identify the political tensions as well as the potential stimulus for the promotion of inclusion within the Brazil Diversity project of the Institute to include. This reflects the possibilities within sports training, in which it is possible to affirm its contribution to the transformation and democratization of the inclusive process of plural, welcoming and human spaces for all people with or without disabilities in contemporary Brazilian society.

**Keywords:** Formation; Inclusion; Sport; Education.

### **Introdução**

A adoção da prática esportiva é fator determinante para elevação da qualidade de vida das pessoas com ou sem algum tipo de <sup>5</sup>deficiência atualmente, em que, as pressões da civilização moderna, inseridas num acelerado processo de urbanização e globalização, imprimem novas rotinas para a sociedade. A inclusão social é importante na medida, em que, entendemos que a participação e o acesso das pessoas aos bens sociais coletivos são fundamentais para promover suas experiências de vida e contribuir para o seu desenvolvimento enquanto entes sociais e cidadãos ativos. Conforme destacam Dutra e Griboski (2006, p.209) que:

A inclusão expressa uma dimensão de direitos humanos e justiça social que pressupõe o acesso pleno e a participação de todos nas diferentes esferas da estrutura social, a garantia de liberdades e direitos iguais e o estabelecimento de princípios de equidade. Essa concepção situa-se na perspectiva de uma sociedade democrática e na compreensão do caráter social das relações, considerando a capacidade humana de desenvolver valores de dignidade e cidadania, de respeitar esses pressupostos e de modificá-los na construção do processo social.

Nesta perspectiva, é imprescindível o objetivo de estimular a inclusão social de crianças, jovens e adultos com e sem deficiência com o intuito de promover a

---

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015).

verdadeira inclusão. E desenvolver através da prática esportiva suas habilidades físicas e psicológicas, além da, descoberta de novos talentos dentro do esporte paralímpico que vem crescendo muito nos últimos anos por conta dos talentos em potencial que historicamente viviam dentro de suas casas, e por conta de novos investimentos/crescimento, já podem encontrar oportunidades de atividades esportivas, e assim se posicionarem na sociedade de forma mais digna.

O objetivo central do projeto Brasil Diversidade contemplou as modalidades natação, bocha paralímpica, futevôlei, surf e vôlei sentado, já realizadas pelo <sup>6</sup>Instituto Superar e atualmente pelo <sup>7</sup>Instituto Incluir para atender 450 crianças, jovens e adultos com algum tipo de deficiência e seus familiares, que vivem em situação de vulnerabilidade social. Além de, um acompanhamento interdisciplinar (área física, psicológica, nutricional, pedagógica e social), desenvolvimento biopsicossocial e oficinas esportivo pedagógicas, utilizando o esporte como ferramenta educacional. Além disso, este projeto foi aprovado na <sup>8</sup>lei de incentivo federal ao esporte. O Instituto Incluir realizou uma parceria com o Sesi Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, para realizar a modalidade natação e com o Sesi Suzano, em São Paulo para a realização das modalidades Bocha paralímpica e Vôlei Sentado. As unidades são 100% acessíveis, com rampas, na entrada das unidades, na entrada da piscina e nas quadras, banheiros com acessibilidade, e, em ambos os polos, não possui nenhum empecilho para a chegada e saída dos alunos e responsáveis.

Nesse sentido, a verdadeira inclusão se dá quando num mesmo ambiente se relacionam pessoas com e sem deficiência, pois o contrário disso, seria apenas uma integração. Conforme Adorno (1995, p. 142) destaca:

[...] quem defende ideais contrários à emancipação e, portanto, contrários à decisão consciente independente de cada pessoa em particular, é um antidemocrata, até mesmo se as ideias que

---

<sup>6</sup> O Instituto Superar é uma instituição distinta do Instituto Incluir. Pois, o Instituto Superar é uma instituição focada no esporte paralímpico, e prioriza as atividades esportivas e educacionais para pessoas com deficiência.

<sup>7</sup>O Instituto Incluir é uma instituição focada na diversidade humana, que prioriza atividades esportivas e educacionais para pessoas com e sem deficiência e/ou em situação de vulnerabilidade social garantindo qualidade de vida e inserção social na contemporaneidade.

<sup>8</sup> Destacando que o presente projeto teve apoio financeiro com recursos incentivados através da Lei de Incentivo ao Esporte. Assim, através da Lei de Incentivo ao esporte, a entidade, ora proponente, terá condições de executar o projeto e atingir o seu objetivo central, que é o mesmo que o da Lei: dar oportunidade de uma vida digna à população através da formação para o esporte. Verifica-se então que este projeto se adequa perfeitamente aos requisitos dispostos na Lei n.º 11.438 de 2006 e em especial ao enunciado do art. 16 do Decreto n.º 6.180 de 2007.

correspondem a seus desígnios são difundidas no plano formal da democracia. As tendências de apresentação de ideais exteriores que não se originam a partir da própria consciência emancipada, ou melhor, que se legitimam frente a essa consciência, permanecem sendo coletivista-reacionárias. Elas apontam para uma esfera a que deveríamos nos opor não só exteriormente pela política, mas também em outros planos muito mais profundos.

Com isso, o projeto se consolidou na obrigação de abrir vagas do projeto para pessoas ditas normais para que de fato possamos promover a inclusão dentro da diversidade que o ser humano apresenta em sua singularidade. Pois, “a sociedade brasileira contemporânea vive um momento cultural contrário à discriminação das minorias historicamente excluídas e, conseqüentemente, cresce a demanda por uma sociedade inclusiva” (COSTA, 2006, p.24).

Desse modo, torna-se imprescindível a compreensão de que a sociedade deve se reorganizar de forma filosófica, acessível e pedagogicamente para lidar com a diversidade humana. Na mesma linha, aprendendo a olhar e aceitar o diferente de forma a respeitar as diferenças cognitivas, sensoriais e físicas das pessoas com deficiências na sociedade. Logo, “quanto mais conhecimento e reflexão crítica, o indivíduo torna-se mais sensível, tornando possível à identificação com as pessoas, sejam deficientes ou não (COSTA, 2011, p, 40).

O Instituto Incluir é uma instituição focada no esporte adaptado e na educação e prioriza as atividades esportivas para pessoas com deficiência, por isso o desenvolvimento deste projeto de escolinha voltado para a nataçãõ adaptada, vôlei sentado, futevôlei, surf e bocha. Não somente preocupado com a qualidade de vida e inserção social, mas também com a educação, o Instituto tem parcerias com instituições de ensino superior para encaminhar os atletas que já terminaram o ensino médio e para o ensino superior. Desse modo, aqueles que ainda não terminaram o ensino médio ou fundamental precisam de suporte e, o projeto faz um trabalho de encorajamento para que o jovem volte para a sala de aula. Para os que já estão estudando, foi feito um acompanhamento do desenvolvimento cognitivo. Pois, é através disso que se potencializa o desenvolvimento humano e educacional através dos valores do esporte na sociedade brasileira.

Por conseguinte, desejamos que este artigo e as experiências do projeto Brasil Diversidade venham a trazer reflexões sobre a importância da formação educacional através do esporte para as pessoas com ou sem deficiências, cujo âmbito possa adquirir o respeito das pluralidades, dos diferentes e do singular com enfoque na democratização e emancipação humana no contexto da sociedade brasileira.

## **Metodologia**

A perspectiva teórica-metodológica do presente artigo será pautada como fio condutor a perspectiva da Teoria Crítica, alinhada a filosofia de Theodor Adorno a respeito da formação educacional do esporte e das possibilidades de emancipação observadas nos espaços, em que, escolhemos para desenvolver nossa investigação, além de, outros autores que auxiliaram no presente estudo. Os procedimentos de coleta de dados utilizados durante o percurso do trabalho foram: 9os depoimentos coletados dos vídeos de familiares das pessoas com deficiência que participaram e relataram sobre as experiências do projeto Brasil Diversidade e alguns dados informativos do próprio projeto contidos no relatório do Instituto Incluir que foram coletados nos anos de 2020 a 2021. Todo o acervo de depoimentos recebidos através do projeto Brasil Diversidade do Instituto Incluir já é autorizado para o uso da imagem e depoimentos. Todavia, destacamos que para manter a integridade dos sujeitos participantes e das fotos, iremos tampar os rostos e colocaremos nomes fictícios, a fim de garantir o anonimato dos mesmos.

Como destacado por Santos (2002), os procedimentos metodológicos na organização da pesquisa buscaram tecer uma rede de relações inclusivas entre todos os envolvidos no projeto, cruzando todas as diferentes divisões pedagógicas e administrativas, vinculando todos os sujeitos diretamente envolvidos, ampliando nossa possibilidade de analisar as práticas de inclusão e a própria cultura inclusiva, fomentada pelo projeto, pelos profissionais e os impactos esperados no público-alvo.

---

<sup>9</sup> Destacando que, tivemos a autorização dos cursistas em documento para o uso de imagens para o Instituto Incluir. E todos os nomes dos cursistas utilizados no presente artigo foram fictícios, a fim de que, se garanta o anonimato dos mesmos.

O material coletado foi analisado tendo a perspectiva da emancipação, sugerida por Adorno, como principal referência, na medida, em que, buscamos compreender como os sujeitos envolvidos desenvolveram suas percepções da realidade, as potencialidades de transformação e emancipação contidas em suas respectivas realidades subjetivas e coletivas, ou seja, por meio de se reconhecerem como sujeitos potencialmente transformadores quando percebem como seus contextos e realidade material imediata se encontram como aquilo que pode vir-a-ser e que ainda não é, devido às situações de precariedade e exclusão dos serviços públicos e estrutura urbana precária. As cidades escolhidas fazem parte do campo de ação das atividades desenvolvidas pelos dois institutos.

Ao admitir e posicionar como fundamentação teórico-metodológica deste artigo a Teoria Crítica, os dados obtidos com a pesquisa foram analisados e discutidos considerando a importância da crítica ao conhecimento produzido, entendendo que o objeto de estudo não deve ser reduzido a uma ou outra metodologia a não ser a própria teoria crítica.

Nesta perspectiva, nos perguntamos sobre essa construção com viés inclusivo e educacional no esporte: Que sociedade temos e que sociedade queremos? Nesse sentido, a viabilização do processo crítico-reflexivo sobre a que ou a quem serve essa sociedade, problematizará a constituição emancipatória do sentido de sociedade. Adorno (1995, p. 141-142) fundamenta muito bem essa análise ao afirmar que “(...) uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado”.

### **O projeto brasil diversidade e as experiências educacionais na área do esporte**

Este projeto é um “guarda-chuva” de todas as atividades esportivo-pedagógicas dos Institutos Superar e Incluir. Com cerca de cinquenta mil atendimentos entre os anos de 2018 e 2021, com atendimentos no Rio de Janeiro, nas comunidades de Curicica, Cidade de Deus, Rocinha, Vargem Grande, Jacarepaguá, Anil, Tanque, Terreirão. Em São Paulo, na comunidade de Suzano e em Minas Gerais, nas comunidades de Uberlândia. As aulas das modalidades

aconteceram 4 vezes por semana, de terça a sexta, sendo a segunda feira para reuniões de equipe e estudo de caso. Sempre no contraturno escolar, na parte da tarde das 13h às 17h, em local acessível de forma que garanta o direito de ir e vir do público atendido.

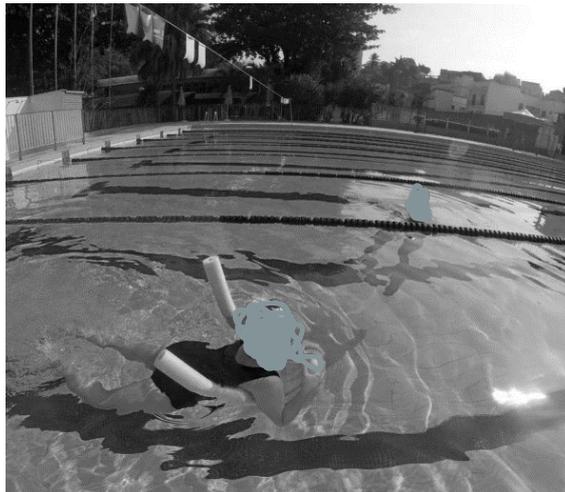
Figura 1 - Projeto Brasil Diversidade – Modalidade Voleibol sentado – Suzano, São Paulo.



Figura 2- Projeto Brasil Diversidade – Modalidade Bocha – Suzano, São Paulo.



Figura 3 – Projeto Esporte Educacional – Modalidade Natação – Jacarepaguá, Rio de Janeiro.



Os depoimentos das famílias sobre a participação no projeto desenvolvido nos revelam diferentes visões ou compreensões a respeito do funcionamento das diversas dificuldades, enfrentadas pelas dinâmicas de exclusão social e precariedade do acesso aos direitos básicos, como a possibilidade de uma educação acolhedora e humana. Dessa forma, é necessário o incentivo aos programas sociais e políticas públicas que auxiliem e amparem as situações de exclusão que ainda são vistas na sociedade e educação contemporânea.

Tais elementos convergem para um estreitamento das esperanças e expectativas, das potencialidades de desenvolvimento dos indivíduos, quando percebemos que os depoimentos de familiares indicam insegurança e dúvida acerca da continuidade dos projetos. Por outro lado, a presença e execução do projeto parece ocupar um desejo ou demanda por transformação, manifestados pelas famílias quando estas expressam suas percepções do que pode ser possível e do que elas experimentam com seus filhos e filhas estudantes na realidade concreta, quando entram em contato com outras pessoas, ou seja, quando a diferença é articulada como ponto fundamental do reconhecimento social e força de desconstrução de preconceitos, estigmas e lugares-comuns sobre as pessoas com deficiências. Conforme destaca Santos (2003, p.56) que:

Não há emancipação social; há emancipações sociais unidas (porque diferentes) por uma aspiração que uma vez resumi assim: temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza, temos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza. [...]. Daí a necessidade de uma igualdade que

reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

Assim como, tais reflexões também convergem para um:

conjunto dos conhecimentos nascidos na luta, nas lutas anticapitalistas, anticolonialistas e antipatriarcais, lutas das mulheres, dos povos quilombolas, dos povos indígenas, dos povos colonizados, dos trabalhadores, que ao lutarem sempre usaram e produziram conhecimentos e esses conhecimentos nunca foram reconhecidos como tal. Portanto, é uma tentativa de captar esse processo de conhecimento que nasce na própria luta e no viver na luta contra a opressão. (SANTOS, 2020).

Com base no que foi exposto acima, é necessário a construção do pensamento da articulação de conhecimentos que visem a ruptura da fixação das identidades, pois o reconhecimento da diferença está no movimento do seu devir, considerando o arco-íris de culturas que se permeiam na sociedade. Logo, “quando as pessoas são percebidas a partir de identidades fixas por uma determinada característica acentuada em seu modo de ser ou estar no mundo, elas são também reduzidas àquilo que qualifica identidade” (ORRÚ, 2020, p.744).

Vejamos como são mobilizados os afetos e impressões da mãe Andrea, sobre os impactos que sentiu com o projeto Brasil Diversidade do Instituto Incluir com o seu filho estudante de 16 anos, praticante de natação. Segundo Andrea, quando seu filho entrou na adolescência, ela percebeu que: “[...] ele pareceu sentir vontade de fazer parte de grupo, e desde que ele entrou para o projeto ele sempre foi com muita felicidade participar das atividades” (ANDREA, 2021).

Para esta mãe, notamos o impacto de sua participação no projeto, que são indícios da vontade de estar em um coletivo, um espaço comum onde a ação em conjunto aponta para uma ruptura entre um antes e um depois, na experimentação de um novo lugar, ainda que, sendo em sua comunidade, os espaços parecem ser ressignificados, na medida, em que, novos laços sociais são tecidos de forma intersubjetiva.

É interessante como a mãe reconhece seu estranhamento com relação àquilo que podemos chamar de seus próprios preconceitos ou pouco conhecimento acerca do autismo, ainda que velados ou silenciosos, sobre a condição do filho como uma pessoa do espectro autista. Ela diz:

“Engraçado porque autista eu sempre tive uma visão quando ele era pequeno. E aí às vezes imaginava de tanto as pessoas falarem do autismo, que gosta de viver isolado, que gosta de ficar no mundo deles [...] eu comecei a perceber que o meu autista gostava do social. E ele gosta não só de participar de grupos, de pessoas que não são pessoas especiais como também gosta de participar de grupos de pessoas especiais” (ANDREA, 2021).

A participação do filho e suas reações encontram na mãe uma ressonância que demonstram uma transformação gradual de suas realidades, desmontando ou desconstruindo a percepção distorcida que pairava sobre o filho, em particular, e sobre o autismo, em geral. Este processo é muito importante para compreendermos, pois, este movimento de desconstrução e transformação do senso-comum, de preconceitos e falsas percepções, construídas social e historicamente, só pode ser possível quando há um encontro com a diferença, isto é, quando ocorrem tensões internas no próprio indivíduo, a partir de uma relação intersubjetiva, em que se encontra exposto a outras realidades apresentadas por outros indivíduos, cada um com sua história de vida e experiências que são reconhecidas como outras histórias que possuem fios em comum. Dessa forma, destaca Deleuze também (2004, p.44;51) que:

Buscamos o conceito da diferença enquanto esta não se deixa reduzir ao grau, nem à intensidade, nem à alteridade, nem à contradição: uma tal diferença é vital, mesmo que seu conceito não seja propriamente biológico. A vida é o processo da diferença. [...] Assim, a palavra “diferença” designa, ao mesmo tempo, o particular que é o novo que se faz.

Desta forma, novos laços são estabelecidos, bem como novas percepções da relação entre os familiares, amigos, colegas e desconhecidos, na medida em que ocorre uma ampliação da empatia de modo progressivo, do lar à rua, e da rua a outros espaços comuns.

O trecho a seguir, ainda da mãe Andrea, indica e reforça nossa reflexão:

[...] quando ele vê pessoas na rua que são pessoas especiais geralmente são síndrome de down ou alguma outra deficiência que não autismo que não dá pra detectar olhando, ele sempre pergunta se é do projeto porque ele associou a pessoa especial a fazer parte daquele grupo do projeto. E nunca teve 1 dia em que ele dissesse que não quer ir. Ele sempre quer ir e ele sempre fica muito feliz. Eu sempre vejo ele nas atividades sorrindo, correndo, brincando, aprendendo até a fazer como se fosse uma ironia com os professores e colegas. Então a entrada dele pro projeto, fez ele

se encontrar no meio do grupo, dos jovens e dos professores que estão sempre brincando, eu vejo que traz uma satisfação pra ele, uma alegria pra ele que muitas das vezes não parece nem que ele é autista porque é como uma pessoa qualquer como nós que quer se sentir parte de um grupo, que quer se socializar, que quer brincar e eu vejo isso nele quando ele está no projeto (ANDREA, 2021).

Nota-se o reconhecimento das potencialidades e possibilidades de agir, que se constituem no filho, o desejo de integrar-se como sujeito capaz de manifestar sua individualidade e expressar seus sentimentos de pertencimento a um grupo, a uma comunidade onde o contato com o outro estimula esse processo de desenvolvimento do indivíduo que, em um estágio caracterizado como “antes” no tempo, parecia estar bloqueado ou nem mesmo poderia ser imaginado como possível. Quanto a isso Adorno (1995, p. 142) ainda nos chama a atenção quanto a:

[...] chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas com base em seu exterior. Mas, também não é a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta foi mais do que destacada, mas, sim, a produção de uma consciência verdadeira.

É nesse ponto que nos deparamos com um dos resultados do projeto – e que também aparece em outros projetos desenvolvidos do Instituto Incluir – quando se descortina a capacidade de imaginar outras possibilidades, as quais são construídas nas relações estabelecidas entre os participantes.

Tendo como referência a fundamental reflexão de Theodor Adorno, compreendemos que estas possibilidades de imaginar outras realidades têm base no modelo da Teoria Crítica, quando se produzem análises e diagnósticos precisos sobre as transformações dessas mesmas realidades. Um caminho possível é entender a educação, nos termos de Adorno, quando argumenta que “é necessário contrapor-se a tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente quando dirigida a uma autorreflexão crítica” (ADORNO, 1995, p.121).

Assim, com as dificuldades que se encontram durante o percurso, percebemos a emancipação e autonomia sendo reconhecida como possível, a partir do momento em que se inicia um processo de compreensão da

emancipação como um movimento alcançado no cotidiano, na dialética entre diferentes e em coletividade. A mesma mãe destaca alguns pontos que demonstram essas dificuldades diárias, comentando que é um processo difícil, com a existência de gradações ou assimetrias quando circulam por outros espaços. Ainda que seja possível verificar uma alteração na própria família, certos contrastes são constatados. Segundo a mãe Andrea:

[...] É uma coisa muito legal de ver e é o único lugar onde ele faz parte de um grupo de pessoas especiais porque em outros momentos na vida é a escola, família e ele não encontra tantas pessoas especiais assim, mas quando ele tá no projeto ele tem mais esse contato e isso é muito legal porque eu não vejo ele fazer diferença no grupo, porém eu percebo uma alegria diferente como se ele tivesse sentido mais com os iguais dele, sabe? Apesar de dentro do projeto ter vários tipos de deficiência né. Não é só autismo. Então ele se sente atraído de ficar perto dos professores que não tem deficiência, das crianças que tem síndrome de down, de outros autistas, de outros que tem outros tipos de deficiência que eu nem sei também quais são todas, então é muito bonito ver isso sabe, a alegria e a satisfação dele de tá fazendo parte (ANDREA, 2021).

Neste trecho, é possível observarmos, com clareza, o significado que o espaço do projeto ocupa, evidenciando cisões ou fraturas na realidade dos participantes. A mãe realiza distinções, na medida em que fala sobre a experiência de si mesma e sua compreensão sobre o percurso que o filho faz. As nuances permitem inferir a respeito dos percalços que são enfrentados no cotidiano dessas famílias. Essas cisões ou fraturas, identificados como “outros momentos na vida”, por exemplo, são os espaços da escola e família, compreendidos como lugares em que a presença de “pessoas especiais”, como a mãe aponta, não são constantes, ou até mesmo inexistem essa presença.

Podemos entender que aqui existem tensões na relação entre as pessoas sem deficiência e as pessoas com deficiência, que emergem, provavelmente, pela cultura que classifica as deficiências como algo estranho, de difícil relacionamento e interação social, isto é, por uma cultura de preconceitos e senso-comum, hábitos e costumes que tendem a olhar para uma pessoa com deficiência como uma pessoa com dificuldade em estabelecer contatos e interações. Conforme aponta ORRÚ (2020, p.740 -741) que:

A intolerância e a tolerância quase que se dão as mãos na violência contra o outro, pois suportar o que se mostra muito diferente de nós e daquilo que pensamos, mostra-se insuportável nas relações sociais. Na era pós-verdade, as (in) verdades são aquelas que mais convém e convencem o indivíduo, enquanto o pensamento dos outros já não tem mais nenhuma importância. Triunfa o individualismo e o coletivo comum, porém, a coletividade enquanto modo de existir, re-existir e resistir, vive a emergência de se reinventar.

Nesse sentido, o projeto mostra que há uma resignificação destes elementos, uma vez que preconceitos são postos à prova, sendo desconstruídos nas rotinas de participação e descoberta de novas possibilidades com as atividades do projeto. Segundo Damasceno (2010), a organização social, formada historicamente por valores de classe, “se mimetiza sob a forma de democracia”, não conseguindo esconder as exclusões que provoca, tornando evidente nosso sistema de governo e sociedade como pseudodemocráticos. É nesse sentido que compreendemos a reprodução de preconceitos e de formas de exclusão no ambiente escolar.

Outro importante depoimento é da mãe Emília Alves, mãe do participante Antônio, caracterizado com deficiência intelectual, com idade de 14 anos, também frequentador do esporte de natação do Instituto Incluir, no ano de 2021. A experiência da mãe Emília e de seu filho seguem na direção apresentada acima, confirmando que os projetos produzem alterações no cotidiano das famílias, promovendo mudanças qualitativas significativas na relação entre si.

Ela destaca a experiência:

Gosto do Instituto Incluir e do projeto de natação porque ajuda muito meu filho no desenvolvimento, e a socializar com diferentes pessoas e com eventos educativos como literatura acessível, festival na praia e nos dá a oportunidade de viver experiências que sozinhos não teríamos como viver, pois é muito difícil ser mãe de um jovem com deficiência e encarar tantos preconceitos sem ter uma rede de apoio (ALVES, 2021).

A questão da inclusão e da interação em coletividade está mais uma vez presente, indicando que estar em conjunto, construir um espaço coletivo, de promoção da mutualidade e do aprendizado em comunidade são fatores que favorecem o desenvolvimento dos participantes, confirmado aqui pela mãe Emília Alves. Ela também desabafa que é difícil ter um filho com deficiência e enfrentar uma cultura de preconceitos. O espaço que o Instituto Incluir promove

se insere na carência de “uma rede apoio” que a mãe traz em sua fala. Por outro lado, há um ponto que nos revela a precariedade das políticas de inclusão em educação, pela ausência de um plano de longo prazo com investimentos permanentes, coordenados pelo Estado.

Segundo Booth e Ainscow (2002, p. 7), cada pessoa tem seus próprios pontos de vista e compreensão sobre um conceito complexo como o de inclusão, pois este conceito envolve mudança, além de, um processo contínuo de aprendizagem dos alunos e participação de todos os alunos. São esses elementos que verificamos quando examinamos os depoimentos? Em certos momentos, sim, em outros, há a impressão de déficits.

Partindo do exposto pela mãe Emília Alves, podemos construir uma crítica aos modelos de administração e financiamento, onde projetos levados a cabo pelos Institutos Superar e Incluir, por exemplo, encontram-se em risco de serem descontinuados ou deixarem de existir, tendo em vista a ausência de um controle civil e democrático mais efetivo sobre os rumos das políticas de inclusão e suas execuções com qualidade e estabilidade, dando conta das demandas das comunidades e famílias, isto é, há uma necessidade de que a participação popular seja ouvida com mais atenção, detalhe e proximidade. O que, também pode-se pensar no Estado e seu baixo investimento em políticas públicas para a inclusão através do esporte para pessoas com deficiência, mas também para a sociedade como um todo. Neste presente ano de 2024 de Olimpíadas e Paraolimpíadas é perceptível a dificuldade dos e das atletas para encontrar patrocínio e incentivo ao esporte. É considerável o que a mãe Emília Alves aponta. Ela diz:

[...] Só não gosto quando o projeto precisa parar por algum motivo do ministério ou falta de patrocinador, pois tudo que temos de ganho na qualidade de vida dos nossos filhos, nós perdemos, mas eu entendo. Rezo para que nunca acabe. Sou grata por fazer parte desse Instituto diferenciado (ALVES, 2021).

Este trecho da fala condensa um problema complexo da relação entre a qualidade do controle civil e da participação popular, nas atuais administrações das estruturas do Estado, a degradação dos serviços públicos e desinvestimentos ou cortes de recursos, em áreas fundamentais para o amparo e assistência da população mais vulnerável, bem como a fragilidade de políticas de inclusão baseadas em editais que terceirizam uma função que só pode ser mantida a longo

prazo, com recursos maciços do Estado e em constante diálogo e escuta da população.

O conjunto de problemas elencado coloca em evidência um diagnóstico para que a crítica seja feita, a partir da contradição percebida pela mãe Emília Alves, que descortina o discurso hegemônico de que as empresas privadas têm a capacidade, numa economia de mercado com a predominância dos capitais privados, de resolver os problemas sociais. Percebemos que um processo de inclusão, trabalhado com dedicação e atenção, fomentando a emancipação dos indivíduos envolvidos, pode se desfazer com facilidade, dada a fragilidade desses projetos em poder serem interrompidos, seja por decisão do Estado, “por algum motivo do ministério”, ou por “falta de patrocinador”, como reflete a mãe Emília Alves.

Com o depoimento de Camila, mãe das estudantes Gabriela de 8 anos, e Victor de 12 anos, ambas sem deficiências e participantes do esporte Futvôlei, no Instituto Superar, no ano de 2020, temos a possibilidade de entrar em contato com crianças e suas reações, como pessoas sem deficiência mas presentes nos projetos do Instituto que atende quem se encontra em situação de vulnerabilidade social, o que é um fator que fomenta a diferença e a pluralidade na construção das relações sociais entre a comunidade que frequenta tais projetos. Segundo a mãe Camila:

Elas aguardam ansiosas pelas terças e quintas, adoram os professores, se divertem com as aulas, melhoram o reflexo, ativam o corpo e a mente nas aulas pois adoram competir e ganhar, mas aprendem o principal que é perder, saem um pouco do celular e da internet o que é ótimo e estão fazendo novas amizades no projeto (CAMILA, 2020).

Para a constituição de vínculos entre diferentes, a existência de um grupo diverso e plural é crucial para que um projeto de inclusão em educação seja bem-sucedido. A formação heterogênea destas crianças e adolescentes, contribuindo com suas participações na convivência com outras crianças com deficiências torna possível o avanço do que temos defendido e constatado até aqui, que são as desconstruções de preconceitos na cultura, em relação às deficiências como características que determinariam a incapacidade do estabelecimento da

inclusão. O que vemos é o contrário, uma participação que permite o desenvolvimento dos indivíduos.

Com a contingência da Pandemia de Covid-19, instalada no Brasil nos primeiros meses de 2020, ocorreu uma interrupção provisória dos trabalhos do Instituto Superar. Aliada à insegurança dos projetos terem continuidade ou não no longo prazo, pelas questões que mencionamos anteriormente, a suspensão temporária provocou a seguinte reação da mãe Elisangela, sobre a participação da filha Beatriz de 12 anos, e do filho Bruno de 14 anos, ambos sem deficiência, praticantes de Futvôlei, também no Instituto Superar. Em suas palavras, a mãe aponta:

[...] Gostaria muito de parabenizar à todos, pelo lindo trabalho que vem sendo realizado aqui na comunidade de Curicica. A aula é de excelente qualidade, inclusive já participei. Ricardo, Daniel, Juquinha (o outro rapazinho esqueci o nome) são excelentes profissionais, com uma linguagem que atrai e desperta nos jovens, a vontade de vencer e de acreditar que tudo é possível. Temos muita gratidão e carinho por tudo e por todos os envolvidos. A única coisa que me chateia é saber que o projeto vai acabar e não tem data pra recomendar, isso é, se recomendar né [...]  
(ELISANGELA, 2020).

Precisamos considerar que esses anseios e inseguranças não são casos isolados. Se, por um lado, é possível sentir mudanças qualitativas na relação do indivíduo com seu microcosmo, por outro lado, as coerções e determinações mais amplas, como saber que as expectativas podem ser frustradas, caso ocorram descontinuidades ou cancelamentos do projeto, colocam o problema social do desamparo da inclusão em educação e da precária assistência à essas demandas como carências coletivas, deslocando possíveis falsas impressões de problemas individuais que não teriam relação com a sociedade, de modo a tornar mais evidente a necessidade da ação em conjunto e em comunidade.

Em suma, afirmamos o debate dentro da formação educacional esportiva a perspectiva da inclusão e a importância de humanizar esse processo estabelecendo a promoção de alternativas sociais para a afirmação da cidadania e na consolidação de direitos sociais para as pessoas com ou sem deficiências, a fim de, possibilitar “um mundo justo, democrático, onde as relações sejam igualitárias (ou, pelo menos, menos desiguais) e os direitos garantidos (SANTOS, 2013, p.3).

## **Considerações finais**

As ações de inclusão e afirmação de direito sociais, desenvolvida no projeto Brasil Diversidade do Instituto Incluir converge na ação em conjunto de todos os participantes, sejam pessoas com deficiências ou pessoas sem deficiências. Com isso, busca-se um processo de relação entre diferentes, onde as atividades esportivas e educacionais agregam-se no reconhecimento de todos como comunidade e sujeitos portadores de direitos sociais. Isso implica uma demanda contínua de assistência do projeto e do Instituto com a comunidade, as famílias, os participantes e todas as equipes profissionais envolvidas. O projeto Brasil Diversidade se insere na perspectiva de luta por direitos e reconhecimento social, nesse sentido, todo o processo de inclusão em educação é atravessado pela luta por emancipação e desconstrução de preconceitos sociais, valorizando a diversidade humana como potência para a transformação social. Conforme nos aponta Santos (2003, p.81) que:

Inclusão não é a proposta de um estado ao qual se quer chegar. Também não se resume na simples inserção de pessoas deficientes no mundo do qual têm sido geralmente privados. Inclusão é um processo que reitera princípios democráticos de participação social plena. Neste sentido, a inclusão não se resume a uma ou algumas áreas da vida humana, como, por exemplo, saúde, lazer ou educação. Ela é uma luta, um movimento que tem por essência estar presente em todas as áreas da vida humana, inclusive a educacional. Inclusão refere-se, portanto, a todos os esforços no sentido de garantia da participação máxima de qualquer cidadão em qualquer arena da sociedade em que viva, à qual ele tem direito, e sobre a qual ele tem deveres.

Desse modo, o projeto Brasil Diversidade do Instituto Incluir se mostrou através dos relatos que, a perspectiva inclusiva contribuiu para a construção de uma sociedade democrática através da formação educacional esportiva, possibilitando no espaço aprendizagens significativas para o desenvolvimento da potencialidade dos indivíduos, independente de suas singularidades. Logo, estas:

situações inclusivas, voltadas para a cultura, a educação, o lazer e demais setores sociais, contemplando a diversidade da condição humana [...] tendem a reduzir os perversos efeitos das situações discriminatórias, preconceituosas, excludentes a que qualquer pessoa, com deficiência ou não, está exposta na vida social (MAZZOTTA & D' ANTINO, 2011, p. 387).

Desse modo, as famílias e participantes do projeto Brasil Diversidade desenvolvido pelo Instituto Incluir pensam que as ações promovem impacto positivo em suas vidas e formações, todavia, apontam tensões no sentido da continuidade dos projetos, na perenidade das leis, na instabilidade gerada pelos patrocinadores, uma vez que suas permanências não são garantidas. A transformação qualitativa se mostrou eficiente. Como observado nos depoimentos, ocorreram mudanças significativas nas percepções sobre as capacidades que pessoas com deficiência possuem, descobrindo novas possibilidades de vidas, antes bloqueadas ou não estimuladas, pela falta de informação e de uma estrutura adequada para que as potencialidades e imaginações fossem trabalhadas em coletividade.

Com este panorama geral, permeado de experiências no princípio formativo educacional esportivo do projeto Brasil Diversidade do Instituto Incluir, nossa linha de orientação crítica permitiu assumirmos análises relativas à apreensão da realidade feita pelos indivíduos participantes, no qual, o próprio ato formativo do projeto Brasil Diversidade possibilitou uma superação dos preconceitos rompendo com estigmas e estereótipos que ainda são vigentes e que provocam uma dessensibilização na sociedade contemporânea.

Seguindo o pensamento de Adorno, a ideia de democratização como formação de indivíduos com autonomia pautou todas as nossas abordagens, uma vez que é disso que se trata, quando observamos as condições sociais em que as pessoas vivem. O que, pressupõe a emancipação crítica e orquestração do pensar visando uma formação para a sensibilização da diversidade humana e esclarecimento do mesmo. Pois, “é no olhar para o desviante, no ódio à banalidade, na busca do que ainda não está gasto, do que ainda não foi capturado pelo esquema conceitual geral, que reside a derradeira chance do pensamento” (ADORNO, 1993, p.58).

## Referências

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Minima Moralia**. Trad. De Luiz Eduardo Bicca. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1993.

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

BOOTH, Tony; AINSCOW, Mel. **Índex para a inclusão: desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola**. Trad. Ana Benard da Costa e José Vaz Pinto. Sintra: Cidadãos do mundo, 2002.

COSTA, Valdelúcia Alves da. Formação de professores: narrativas e experiências instituintes 'Na' e 'Para' a escola inclusiva. **Cadernos de Ensaios e Pesquisas**, Niterói, n. 11, p. 23-43, Set./2006. Edição Especial.

COSTA, Valdelúcia Alves da. Formação de professores e educação inclusiva: experiências na escola pública. In: COSTA, Valdelúcia Alves da; CARVALHO, Mariza Borges Wall Barbosa de; MIRANDA, Therezinha Guimarães; DAMASCENO, Allan. (Orgs.). **Políticas públicas e produção do conhecimento em educação inclusiva**. Niterói: Intertexto, 2011. Pp. 31-52.

DAMASCENO, Allan Rocha. **Educação inclusiva e organização da escola: projeto pedagógico na perspectiva da teoria crítica**. 2010. 269 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos**. Tradução de David Lapoujade. São Paulo: Iluminuras, 2004.

DUTRA, Claudia Pereira; GRIBOSKI, Claudia Maffini. Educação inclusiva: um projeto coletivo de transformação do sistema educacional. In:\_\_\_\_\_. **Ensaio pedagógico: educação inclusiva direito à diversidade**. P. 17-24, Brasília, DF: [s.n.], 2006. Pp. 17-24.

LEWIN, Kurt. (1982). **Aktionforschung und Minderheitenprobleme**. (Kurt-Lewin- Gesamtausgabe, Bd. 7; Hrsg.: C. -F. Graumann). Bern: Huber.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira; D'ANTIMO, Maria Eloísa Famá. Inclusão social de pessoas com deficiências e necessidades especiais: cultura, educação e lazer. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v.20, n.2, 2011, p. 377-389.

ORRÚ, Sílvia Ester. A diferença como valor humano: ensaio sobre as contribuições do pensamento de Boaventura de Sousa Santos, Gilles Deleuze e Homi Bhabha para o paradigma da inclusão. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 34, n.71, maio/ago. 2020, p. 727-764.

ORRÚ, Sílvia Ester. **A inclusão menor e o paradigma da distorção**. (prelo) Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

SANTOS, Mônica Pereira dos. Educação Inclusiva: redefinindo a educação especial. **Ponto de Vista: Revista de inclusão e processos inclusivos**, Florianópolis, n. 3-4, p. 103-118, 2002. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1402/1499>.  
Acesso em: 26 março. 2023.

SANTOS, Mônica Pereira dos. O papel do ensino superior na proposta de uma educação inclusiva. **Movimento**, v.7, maio 2003, p.78-91.

SANTOS, Mônica Pereira dos. **Dialogando sobre inclusão em educação: contando casos e (descasos)**. 1<sup>o</sup> Ed. Curitiba, PR: CRV, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa; NUNES, João Arriscado. Introdução: ampliar o canône do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.25-68.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Boaventura de Sousa Santos fala sobre 'Rap Global'. O globo, São Paulo, 24 julho 2010. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/boaventura-de-sousa-santos-fala-sobre-rap-global-310530.html>>.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Epistemologia do Sul. Entrevistador: Cleyton Andrade. São Paulo: Boletim DOBRADIÇA, 2020. Não paginado. Disponível em: <<https://www.ebp.org.br/epistemologias-do-sul/>>.